

ENSINO SUPERIOR | INGRESSANTES

Unicamp: 50% vêm da rede pública

Índice de inclusão é recorde na instituição e reflete mudanças no Programa de Ação Afirmativa

Inaê Miranda
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
inae.miranda@rac.com.br

Mais da metade dos ingressantes nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) veio da rede pública de ensino. Dos 3.248 matriculados este ano, 1.635 fizeram o Ensino Médio em escolas públicas. O índice de 50,3% é considerado histórico e reflete as mudanças no Programa de Ação Afirmativa para Inclusão Social (Paais), aplicadas nas duas últimas edições do vestibular. O programa bonifica o estudante de escola pública nas duas fases do vestibular. Medicina continua tendo um dos índices mais altos, com 76,4% dos alunos oriundos do ensino público. No ano passado, o índice geral de aprovação de alunos de escolas públicas foi de 47,6%. Em medicina, o percentual foi de 88,2%.

Taxa de inclusão em medicina chegou a 76,4% este ano

Com o resultado divulgado ontem pela Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest), a instituição atingiu a meta aprovada em 2013 pelo Conselho Universitário (Consu) para a inclusão social nos cursos de graduação, que estabeleceu que a universidade atingisse 50% de ingressantes oriundos da rede pública até 2017. Entre os cursos com maior número de alunos da rede pública estão ciências econômicas (noturno), com 83,3%, química tecnológica (noturno), com 88,9%, engenharia elétrica (noturno), com 84,4% e medicina (integral).

Coordenador da Comvest, o professor Edmundo Capelas afirma que os números são resultados das mudanças promovidas no Paais. A partir do vestibular 2016, os pontos do programa passaram a valer também na primeira fase. Até então, a pontuação era aplicada somente depois da segunda fase. Desta forma, todos os candidatos que cursaram o Ensino Médio integralmente em escolas públicas receberam, no Vestibular 2017, 60 pontos na primeira fase e outros 90 pontos na segunda fase. Os candidatos de escola pública autodeclarados pretos, pardos ou indígenas receberam, além desses, outros 20 pontos na primeira fase e 30 pontos na segunda fase.

Em 2016 foram disponibilizadas, via Paais, 51,9% das va-



Giovana Fabrício vem da rede pública, mas contou com auxílio de cursinho para chegar à Unicamp: "Muitos dos meus amigos não chegaram aqui"

gas, terminando com 47,6% de estudantes matriculados, enquanto em 2017, foram 52% as vagas disponibilizadas e 50,3% de estudantes matriculados. "Após as mudanças promovidas no Paais no Vestibular Unicamp 2016, é possível perceber o impacto positivo para a inclusão social, com o crescimento expressivo dos ingressantes oriundos de escolas públicas já em 2016 e, inclusive, com um incremento agora em 2017, o que consolida o Paais. Visto ser o curso de medicina o mais concorrido, qualquer que seja o bônus acrescentado à nota final a alteração da lista final será altamente impactada", explicou o professor.

Ele observou que pela primeira vez o número de vagas disponibilizadas se manteve no ano seguinte e também pela primeira vez, mais de 50% de estudantes matriculados são advindos de escola pública. Em relação à inclusão de alunos da rede pública, Capelas afirma que os objetivos foram alcançados. "O que ainda não conseguimos, talvez por falta de demanda qualificada, é o índice de 35% de pretos, pardos e indí-

genas, que cursaram escola pública."

Na edição anterior, quando o ingresso de estudantes de escolas públicas também foi expressivo, o programa chegou a ser questionado e a pontuação foi considerada desproporcional. Capelas afirmou que a política relativa à inclusão depende dos debates e discussões que acontecem no Conselho Universitário e que, uma vez definida, caberá à Comvest implantar. "Ressalte-se que a Comvest realiza várias simulações que podem, eventualmente, balizar as discussões." Segundo o professor, até o momento, o quesito renda não se encontra vinculado ao Paais. "Ainda mais, a definição de escola pública não distingue as instituições diferenciando-as de elite ou não elite, apenas escola pública."

Ele acrescentou que já foram elaboradas várias simulações que incluem não só renda, mas, também, o número de séries cursadas em escola pública, tanto no Ensino Fundamental II quando no Ensino Médio. "Novamente, qualquer mudança no Paais deverá ser decidida no âmbito do Conselho Universitário, ór-

gão máximo da universidade", completou.

Equilíbrio

Para os estudantes, a bonificação oferecida pelo Paais garante uma competição mais justa, levando em conta as deficiências da rede pública de ensino. Ex-aluna de escola pública, Giovana Fabrício, de 18 anos, ingressou este ano na Unicamp no curso de engenharia física. Ela conta que fez cursinho preparatório com a ajuda do tio, que sempre a apoiou e incentivou nos estudos. "Eu tive privilégios, porque tive alguém que pagasse o cursinho para mim, tive alguém que se esforçou por mim, para que eu não precisasse trabalhar para poder só estudar e estar aqui hoje."

Giovana conta que, da turma de 30 alunos do Ensino Médio no ano passado, apenas ela e outros dois colegas tiveram acesso este ano ao Ensino Superior. "Muitos dos meus amigos não chegaram aqui, boa parte foi trabalhar. Eu fico bastante triste porque o aluno de escola pública era para estar aqui." Giovana defende não apenas o Paais, mas a adoção de cotas pela universidade. "Você pedir pa-

ra que um aluno de escola pública tenha um nível de desempenho igual ao de pessoas que estudaram em boas escolas e passaram por cursinho é muito desigual. Não é meritocracia isso. Meritocracia é quando você coloca os dois em pé de igualdade."

Aluno do 4º ano de medicina, Lucas Vianna, de 22 anos, também estudou a vida inteira em escola pública e diz que sempre teve dificuldade porque passou por um sistema sucateado, com falta de professores e falta de incentivo para os alunos. "O clima na escola pública não propiciava a aprendizagem. Consegui corrigir a minha defasagem no cursinho, porque os meus pais tiveram condição de pagar, e aprendi a estudar. No primeiro ano de cursinho corrigi a defasagem, estudava das 7h às 21h todo dia, inclusive aos finais de semana, mudei para o lado do cursinho. No segundo ano, comecei de fato a preparação para medicina."

Segundo Vianna, os estudantes de escolas públicas normalmente saem com menos oportunidades e é natural que, para ter um sistema equilibrado, sejam usados artifícios como o Paais e cotas.

Preso suspeito de matar aluna em Limeira

A Delegacia de Investigações Gerais (DIG) de Limeira prendeu ontem um suspeito de matar a estudante Sandy Andrade Santos, de 21 anos. Ela cursava engenharia de manufatura na Unicamp em Limeira e foi encontrada morta na sexta-feira, às 7h, em uma trilha, a cerca de 2,5km da faculdade, com ferimentos no pescoço, causados por estrangulamento, de acordo com a Polícia Militar. O suspeito — cuja identidade não foi revelada — seria levado para a delegacia a fim de prestar depoimento e ser reconhecido por testemunhas. Segundo a DIG, as informações sobre o caso serão passadas em uma coletiva de imprensa hoje, na Delegacia Seccional de Limeira. Na tarde de ontem, a Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (FCA) convocou uma reunião de mobilização geral por segurança. Em nota, o diretor da faculdade, Peter Alexander Bleinroth Schulz, decretou luto oficial por cinco dias. A morte da estudante gerou mobilização entre alunos e servidores da faculdade. Mais de 700 pessoas compareceram à reunião ontem e farão uma passeata até a Prefeitura hoje, para pedir mais segurança. (Estadão Conteúdo)

SAIBA MAIS

Cursos com maiores percentuais de ingressantes da rede pública

Arquitetura e urbanismo (N)76,7
Ciências biológicas - licenciatura (N)77,8
Ciências Econômicas (N)83,3
Engenharia de alimentos (N)71,4
Engenharia de controle e automação (N)76,5
Engenharia elétrica (N)84,4
Engenharia química (N)73,2
Física - Licenciatura (N)75,0
Geografia (N)70,0
Medicina (I)76,4
Química Tecnológica (N)88,9

Reitoria agradece responsáveis por repasses ao HC

Evento celebra a marca de R\$ 50 milhões recebidos pelo Hospital de Clínicas via emendas parlamentares, desde 2009

A reitoria da Unicamp realizou ontem um agradecimento a 25 deputados federais, deputados estaduais, senadores e ex-parlamentares que disponibilizaram, entre 2009 e 2017, para o Hospital de Clínicas, R\$ 37 milhões em recursos de emendas ao Orçamento da União transformados em convênios com o Ministério da Saúde.

Outros R\$ 12 milhões foram investidos pelo Ministério da Saúde com apoio dos parlamentares, o que totalizou R\$ 48,7 milhões assegurados para o hospital na aquisição de equipamentos e custeio da instituição. O

evento foi para celebrar a marca de R\$ 50 milhões que deve ser atingida com algumas emendas ainda não cadastradas no Fundo Nacional da Saúde para o orçamento 2017.

A cerimônia de reconhecimento ocorreu no Conselho Universitário da Universidade e estiveram presentes Aline Correia (ex-deputada), Arlindo Chinaglia, Antônio Mentor representando o irmão José Mentor, Barros Munhoz, Paulo Freire, Roberto Alves, Roberto de Lucena e Sinval Malheiros. Os deputados Carlos Sampaio e Vanderlei Macris envia-

ram representantes. A viúva, os filhos e netos do ex-reitor e ex-deputado federal, José Aristodeno Pinotti, também foram homenageados.

O evento foi presidido pelo reitor Tadeu Jorge e integrou a mesa o coordenador geral da universidade, Álvaro Crósta, e os três superintendentes do período 2009-2017, Luiz Carlos Zeferrino, Manoel Barros Bértolo e João Batista de Miranda (atual). "A maioria desses recursos resultaram em equipamentos que já estão em funcionamento pelo hospital, permitindo um parque

tecnológico modernizado e seria algo quase que impossível através do orçamento da universidade", destacou Tadeu Jorge.

Segundo Tadeu Jorge, as emendas parlamentares do orçamento da União vem suprir essa dificuldade em especial e por isso esse reconhecimento pelos investimentos para a população usuária do hospital. "Não se pode separar apenas a melhoria da parte assistencial, mas também destacar a qualificação que esses investimentos proporcionam ao ensino e a pesquisa", comentou. (AAN)



Cerimônia reuniu deputados estaduais, federais e representantes

Antonio Scarpinetti/Unicamp